

## **FILOSOFIA: DA REJEIÇÃO AO RESGATE – UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA ACERCA DA FILOSOFIA COMO GUIA PRIMORDIAL DO DESENVOLVIMENTO DO ESPÍRITO HUMANO**

Wellington Carvalho de Macedo\*

**Resumo:** O presente artigo tem o objetivo de trazer para o debate público o cerne do problema teórico apontado por Husserl em relação a Humanidade europeia e a Filosofia: a crise. No primeiro capítulo, abordamos o tema da crise da Filosofia identificada na sua dificuldade em obter autonomia epistêmica e em permear efetivamente o espírito humano. No segundo capítulo, apresentamos a fenomenologia de Husserl como ponto de partida para o resgate do protagonismo da Filosofia na constituição essencial da subjetividade e da sociedade contemporâneas. Segundo Husserl, através de uma análise fenomenológica da história, é possível intuir o telos comum que nos garantiu a identidade espiritual enquanto humanidade herdeira da tradição filosófica grega clássica. A partir disso, conseguiremos identificar o percurso do desenvolvimento do espírito humano de tal forma a intuir os pontos problemáticos nos quais dissociamos ciência e vida, subordinando as necessidades da segunda aos interesses da primeira. Tendo consciência desses problemas, tornar-se-á possível definir por onde devemos começar efetivamente a nossa tarefa filosófica no nosso tempo.

**Palavras-chave:** Husserl. Fenomenologia. Crise. Filosofia.

## **PHILOSOPHY: FROM REJECTION TO RESCUE – A PHENOMENOLOGICAL APPROACH TO PHILOSOPHY AS A PRIMARY GUIDE TO THE DEVELOPMENT OF THE HUMAN SPIRIT**

**Abstract:** This article aims to bring to the public debate the core of the theoretical problem highlighted by Husserl in relation to European Humanity and Philosophy: the crisis. In the first chapter, we address the theme of the crisis of Philosophy identified in its difficulty in obtaining epistemic autonomy and in effectively permeating the human spirit. In the second chapter, we present

---

\* Mestre em Filosofia e doutorando do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professor dos cursos de Filosofia e de Direito da Faculdade Palotina (FAPAS). E-mail: wellingtoncmacedo@hotmail.com.

Husserl's phenomenology as a starting point for rescue the leading role of Philosophy in the essential constitution of subjectivity and contemporary society. According to Husserl, through a phenomenological analysis of history, it is possible to intuit the common telos that guaranteed our spiritual identity as humanity, heir to the classical Greek philosophical tradition. From this, we will be able to identify the path of development of the human spirit in order to understand the problematic points in which we dissociate science and life, subordinating the needs of the latter to the interests of the former. By being aware of these problems, it will be possible to define where we should effectively begin our philosophical task in our time.

**Keywords:** Husserl. Phenomenology. Crisis. Philosophy.

## Introdução

Ao assumirmos a Filosofia como tarefa, constatamos até mesmo com um olhar óbvio para a sociedade contemporânea, inclusive, tomando o Brasil como amostragem, a crise da humanidade de tradição filosófica e científica europeias. Ora, é possível dizer que as ciências que, desde a modernidade, se propuseram a possibilitar através do método e da técnica o aprimoramento espiritual humano, fracassaram diante de sujeitos contemporâneos, em geral, destituídos das virtudes e dos fundamentos requeridos para o devido gerenciamento ético da sociedade.

Desde o nazismo, até as convulsões sociais e políticas atuais, percebemos exemplos claros da crise da ciência em relação a um autêntico *telos* comum da humanidade ocidental. Soma-se a isso, a crise que atinge a Filosofia que, atualmente, foi retirada do eixo principal da constituição do espírito humano em sua generalidade, amargando o descrédito do seu valor por parte da sociedade e dos projetos educacionais básicos de muitos países. Neste sentido, a crise da

Filosofia contemporânea é representada por sua dificuldade em assumir um saber fundamental autônomo e em permear efetivamente a vida humana, tanto na esfera cotidiana quanto acadêmica.

A nosso juízo, a Filosofia, enquanto busca pelos fundamentos da vida em geral, deve propor investigações que, de fato, contribuam para que o sujeito do nosso tempo constitua as bases do sentido humano que lhe possibilite transcender a obviedade do meramente dado, principalmente aquela segundo a visão naturalista e positivista do mundo circundante. Além disso, essas bases devem garantir mecanismos autênticos de alteridade enquanto atividade cooperativa em prol da estabilidade e do progresso social, que em última análise, significa a preservação da vida, ou melhor, de todas as vidas. Por esses e outros motivos que aqui poderíamos citar, a Filosofia, de forma alguma, perdeu sua necessidade, diga-se, existencial.

A partir dessas motivações, gostaríamos de deixar claro que nosso objetivo com esse texto é provocar a comunidade acadêmica em geral com questões pontuais a fim de que agucemos nosso olhar filosófico sobre alguns problemas do nosso tempo e intuamos, através deles, algo mais radical a ser tratado, a saber, a essência da crise. Diante deste cenário, também propomos a fenomenologia husserliana como inspiração para o resgate da relevância da Filosofia para o cenário humano ocidental devido a sua máxima “voltar às coisas mesmas”. Como aspirantes a filósofos, e é nessa posição que nos colocamos, ou como admiradores da Filosofia, é nossa tarefa como funcionários da humanidade, diria Husserl, trabalharmos intelectualmente para compreender os fenômenos que nos assolam a fim de podermos guiar o espírito humano a um progresso autêntico e multifacetário.

## 1 A crise da Filosofia

Todos os grupos humanos são responsáveis pelo tipo de humanidade que estamos gerando a partir dos contextos culturais, religiosos, sócio-econômicos e científicos globais. Porém, mais responsáveis ainda somos nós, amantes da filosofia, porque trazemos essa herança milenar da busca incansável por nos autogovernar e constituir sentido a partir de uma razão fundamental. Por isso, como diz Sacrini, “muito mais do que se contentar em resolver problemas conceituais específicos, os filósofos deveriam se dar conta de que nos avanços da filosofia está em ação um ideal trans-histórico, capaz de conduzir ao desabrochar de uma nova humanidade”.<sup>1</sup>

Neste mesmo sentido, Sacrini esclarece que “a missão central dos filósofos deve ser explicitar o *telos* filosófico capaz de guiar a transformação histórica da humanidade”.<sup>2</sup> Por isso, o que está em jogo aqui nas complexas estruturas contemporâneas do conhecimento e da ciência, não é apenas a facticidade do sucesso tecnológico da humanidade. O que aqui está em questão é o que nós somos enquanto pensadores e o nosso compromisso com o futuro da humanidade. E é claro, acrescenta-se a essa perspectiva, o compromisso com o futuro do mundo enquanto totalidade da vida.

Por isso, equivocava-se grotescamente quem pensa que a filosofia é inútil ou está superada pelas ciências tecnológicas. É ingênuo pensar que a filosofia é serva de alguma outra ciência, ou que perdeu sua função de guiar o espírito humano em benefício da psicologia e das novas teorias do comportamento. Além disso, é inconsequente julgar que se pode construir uma nação próspera

---

<sup>1</sup> Sacrini, 2018, p. 294.

<sup>2</sup> Sacrini, 2018, p. 294.

negligenciando o pensar filosófico, inclusive cortando verbas de programas de pesquisa, e não lhe dando a devida importância nos currículos do ensino fundamental, médio e técnico. É verdade que essa postura de rejeição, digamos pública e institucional da filosofia, não é um fenômeno meramente dos últimos anos.

Segundo Husserl, a filosofia desde a revolução científica, vem sendo gradativamente rejeitada em várias esferas do saber e da sociedade. A eficiência das ciências positivas em intervir e moldar o mundo empírico a partir de uma razão matemática, fundamentada na exatidão e na previsibilidade, jogou, de certo modo, a filosofia para um segundo plano na esfera do conhecimento e, por conseguinte, na determinação da vida prática e cotidiana dos sujeitos. A razão autônoma filosófica grega foi substituída pela razão instrumental e mecanicista moderna, estabelecendo novos critérios para o conceito de ciência, de sujeito, de sociedade e de mundo. No entanto, ao constatarmos os contrastes entre as expectativas depositadas nas ciências positivas na modernidade e os eventos históricos decorrentes dessa aposta, chega a ser irônico que a filosofia “escravizada” e “acorrentada” pela teologia medieval, sonhou com sua liberdade moderna, mas acabou mendiga na contemporaneidade. Na visão de Husserl:

A exclusividade com que, na segunda metade do século XIX, toda a visão de mundo do homem moderno se deixou determinar pelas ciências positivas, e cegar pela “*prosperity*” a elas devida, significou um virar as costas indiferente às questões que são decisivas para uma humanidade genuína. Meras ciências de fatos fazem meros homens de fatos.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Husserl, 2012, p. 3.

Ora, virar às costas para as questões fundamentais da humanidade significa, em última instância, rejeitar a própria filosofia. Além disso, para Husserl os problemas enfrentados pela humanidade nos últimos tempos, influenciaram os sujeitos a não mais se preocuparem com a fundamentação das ciências, sua relação com a vida teórica, e seu sentido último. Seus interesses se reduziram às soluções e benefícios para a vida prática e dramática, na qual a humanidade mergulhou devido a tantas guerras, pestes, e revoluções.

Destaca-se nesse panorama as engrenagens do Nazismo que, destituído de qualquer postura filosófica genuína, utilizou inclusive de avanços tecnológicos para produzir atrocidades. Exemplos disso, são a engenharia empregada e as pesquisas científicas elaboradas nos campos de concentração que demonstram as absurdas consequências de uma eficiência positivista destituída de uma razão filosófica autêntica. Até mesmo a arte foi descaracterizada de sua razão filosófica e foi utilizada como peça nesse mecanismo atroz de dominação nazista. Lamentavelmente, a história ocidental contemporânea carrega sobre si uma das maiores contradições: uma nação de ilustres pensadores e cientistas, por abdicar ao extremo de seu ideal filosófico, se tornou o território do terror e da desumanização.

Cabe ainda nesse contexto, abordar o tema da “mercantilização das ciências”. Para não nos delongarmos muito nesse assunto, nos satisfaz a constatação de que parece que as pesquisas e os produtos das ciências positivas são mais guiados por uma perspectiva de mercado do que propriamente por uma amor à sabedoria em função de uma compaixão humanitária. A própria psicologia comportamental tem sido instrumentalizada em seus conteúdos e técnicas de tal modo de, ao invés de promover a liberdade dos sujeitos, facilitar a sedução do *marketing* e a dependência consumista das pessoas. Sem contar a desumanização social provocada pela simbiose gananciosa entre ciência e

mercado pela qual se gasta mais para mandar um foguete à Marte do que para manter uma criança pobre numa escola de qualidade. Se explora o macrocosmo, se tenta manipular o microcosmo, mas o eu e o outro autênticos no mundo da vida são absurdamente rejeitados e/ou negligenciados.

O próprio cristianismo, cuja raiz doutrinal está profundamente inserida no solo da filosofia, parece ter virado as costas para essa perspectiva, sucumbindo, ao menos do ponto de vista da prática religiosa, em superstições e contradições que colaboram mais ainda para a instabilidade social dificultando a busca por um *telos* antropológico comum. Se a religião é o que há de mais básico para a constituição do sujeito social, como uma religião destituída de um ideal filosófico poderá gerar seres humanos minimamente conscientes dos limites do bom-senso e da realidade como ela é? Noções espiritualistas como as do neopentecostalismo católico e evangélico, a teologia da prosperidade, comunidades e vertentes cristãs fundadas a partir de pseudo inspirações pessoais, não seriam prejudiciais para o estabelecimento de um processo de humanização genuíno?

Tudo isso pode parecer muito distante da academia, mas são essas concepções que constituem o mundo vivido circundante de uma massa chamada povo que decide seu futuro a partir desses elementos especialmente quando precisa escolher seus representantes políticos. Não seria a oportunidade histórica da filosofia genuína purificar inclusive o cristianismo desse emaranhado de superstições e equívocos? Vale lembrar que estamos vivendo um período complexo no nosso país que, de certa forma, também tem suas raízes na rejeição do ideal filosófico (se é que algum dia tivemos esse ideal como nação). Os *"influencers"* de mídias sociais e os *"opinadores políticos"* estão pautando mais a vida cotidiana das pessoas com suas opiniões do que os cientistas com suas teorias, ou os filósofos com seus discursos. Aqui, tomamos o

termo opinião como aquele juízo razo, desvinculado de uma especulação a cerca de sua fundamentação e justificação epistêmicas cujo objetivo primordial é oferecer uma resposta imediata a um problema pontual, podendo ser de caráter ingênuo ou premeditado.

Nesse sentido, notamos que o cenário político brasileiro é um trágico exemplo da crise do pensamento contemporâneo, por conseguinte, da crise antropológica. Nos últimos anos, estamos decidindo nossa vida social fundamentados num sentimento “anti” inflamado pelos discursos sofistas dos opinadores de redes sociais. Há algum tempo atrás era o sentimento “anti X” que pautava a vida política brasileira. Agora é o sentimento “anti Y” que está em foco. E esse decidir emocional sobre qual postura se deve ter e qual destino se deve tomar tem colocado no poder muitos aventureiros de ocasião que assumem personagens midiáticos para ganhar votos e que acabam pautando a vida real e concreta dos brasileiros a partir de seus sofismas e interesses particulares. A *Polis*, no seu sentido genuíno grego, foi esquecida. O que vale mesmo é o *like*, a “lacração”, o poder, tudo parece se reduzir a um conjunto de entretenimento. Para sermos mais exatos, o que importa mesmo para esses aventureiros messiânicos são o “petrolão”, o orçamento secreto, sítios, triplex, imóveis comprados em dinheiro de origem duvidosa, “rachadinhas”, os amigos de facções ou de milícias, dentre tantas outras coisas nocivas, ilegais e até mesmo criminosas.

De fato, para além das diferenças entre si apresentadas pelos “marqueteiros” políticos, se tem algo que as ideologias políticas mais populares atualmente no Brasil têm em comum é o “jeitinho brasileiro” de se dar bem, de ficar impune e de tentar se perpetuar no poder. Vivemos uma política do combate, do afrontamento, quiçá do aniquilamento do adversário, e não da proposição, do pensamento, e da mútua confiança no debate saudável em busca



das melhores razões para o fazer político nacional. Neste aspecto, cabe a questão: nenhuma de nossas repartições culturais e sociais, sequer nosso processo educacional, conseguiu produzir possibilidades melhores para o debate presente sobre o futuro do nosso país?

Dito isso, a obviedade do mundo meramente dado construído artificialmente pelas ciências de cunho naturalista e positivista, parece esmorecer o sujeito contemporâneo prendendo-o numa realidade paralela que ele até intui ser duvidosa, mas que por satisfazer desejos e expectativas básicas acaba por lhe contentar. Um mundo meramente óbvio gera pessoas passivas, entorpecidas pelas sensações cujo resultado mais preocupante é a desumanização. Infelizmente parece que no século XXI, trocamos a caverna de Platão pelos calabouços modernos naturalistas, psicologistas, espiritualistas, virtuais, entre tantos outros. É complexo, mas precisamos admitir que enquanto os filósofos estão em suas Torres de Marfins (as Universidades), e os cientistas são manipulados pelo Mercado, os “vendedores de opinião”, os novos sofistas, enriquecem ao preço do empobrecimento antropológico e até econômico das pessoas.

Diante desse cenário obscuro contemporâneo, minimamente descrito aqui, pensamos como Husserl que estamos vivendo um período de crise. A partir disso, devemos nos debruçar sobre a relação conhecimento e humanidade, e buscar as causas radicais desse ambiente humano tão complexo. Vale dizer que a própria filosofia se encontra num estado de crise de identidade:

A decomposição da filosofia contemporânea em sua atividade desorientada nos dá o que pensar. Desde o meio do século passado, [a saber, o meio do século XIX,] a decadência é manifesta em contraposição a tempos precedentes. Na medida em que a fé religiosa alienava-se,

com o início da modernidade, cada vez mais em convenções rígidas, elevou-se a humanidade intelectual à nova grande fé, aquela de uma filosofia e ciência autônomas. A cultura humana inteira deveria ser conduzida e iluminada por visões intelectivas científicas (*Einsichten*) e assim reformada em direção a uma nova cultura autônoma. Contudo, nesse ínterim, também essa fé incorreu em inautenticidade e atrofia. Não inteiramente sem razão.<sup>4</sup>

Husserl continua:

Ao invés de uma filosofia que vive em unidade, temos uma literatura filosófica que cresce desmedidamente, mas que quase sem coerência; ao invés de uma contraposição séria de teorias que se contradizem, porém anunciam na disputa sua íntima e mútua coparticipação, sua comunidade nas crenças fundamentais e uma fé irremovível numa verdadeira filosofia, temos - no lugar do filosofar sério com o outro e para o outro - uma aparência de referência e uma aparência de crítica. Não se atesta de nenhuma maneira um estudo reciprocamente consciente de sua responsabilidade, no espírito de um trabalho em conjunto sério e de uma expectativa de resultados objetivamente válidos.<sup>5</sup>

Com todos esses argumentos, nos parece que o progresso do conhecimento, principalmente o técnico-científico, não resultou necessariamente numa evolução humana no sentido mais profundo do termo. Possuímos máquinas fabulosas, invenções surpreendentes, até mesmo inteligência artificial. Contudo, somos uma humanidade antropologicamente falida, de guerras, fome, preconceitos e exclusão. Aqui cabe uma pergunta capital: diante de todo o acúmulo de conhecimento da humanidade europeia, como pôde no nosso

---

<sup>4</sup> Husserl, 2019, p. 34.

<sup>5</sup> Husserl, 2019, p. 34.

tempo existir o nazismo, fascismo e tantas outras correntes ideológicas sanguinárias? O que foi feito com todo o sentido transcendente do conhecimento adquirido no processo histórico? Por que os avanços da razão instrumental moderna não significaram, poeticamente falando, também avanços definitivos no coração humano rumo à compaixão e à fraternidade universais? Por que uma humanidade com raízes cristãs tão fortes é atormentada pela indiferença, pela discriminação, e pela alienação política e religiosa dentro de si mesma?

## 2 O caminhos de renovação filosófica

Admitir a crise de uma humanidade que acreditou na razão instrumental não é uma tarefa tão simples, ainda mais num contexto de cibercultura. Contudo, seguindo os passos de Husserl, entendemos que uma situação de crise não se resume apenas à dimensão do fracasso, ou da constatação de suas insuficiências para o objetivo que ela mesmo se colocou. A crise também se configura como um momento de decisão e de protagonismo daqueles que ainda se importam com a humanidade e sentem dentro de si, pulsar a responsabilidade com o seu futuro. Assim, nesse momento tão conturbado, nós precisamos tomar uma decisão: qual é o caminho mais adequado para a renovação do espírito humano? Por renovação não entendemos outra coisa a não ser a mudança geral do espírito da cultura contemporânea centrada no mercado e na eficiência técnica em detrimento da dignidade humana e de outras virtudes fundamentais para a unidade espiritual e filosófica. Uma mudança teleológica que impeça o conhecimento de favorecer novos modelos de escravidão, mesmo os enfeitados por eficazes *marketing*, e de que gere seres humanos mais preocupados com a humanidade do que com a técnica. Portanto,

renovar significa redescobrir a força impulsionadora autêntica do progresso antropológico ao longo da história da humanidade e retomá-la num tempo que, segundo Husserl, mergulhou numa profunda ausência de sentido genuíno.

Uma nação, uma humanidade vive e cria na plenitude das forças quando é transportada por uma crença impulsionadora em si mesma e em um sentido belo e bom da sua vida de cultura; quando, por conseguinte, não simplesmente vive, mas antes vive ao encontro de uma grandeza que tem diante dos olhos e encontra satisfação no seu sucesso progressivo, pela realização de valores autênticos cada vez mais elevados. Ser um membro importante de uma tal humanidade, colaborar em uma tal cultura, contribuir para os seus valores exaltantes, é a ventura de todos aqueles que são excelentes, a qual os eleva acima das suas preocupações e infortúnios individuais.<sup>6</sup>

Diante desses argumentos interpelativos, como Husserl, pensamos que no nosso tempo é vital o resgate da postura filosófica genuína. Isso significa, um autêntico renascimento daquele ideal grego inicial do expectador desinteressado que se volta para as coisas mesmas com confiança racional de poder compreendê-las. E que, a partir dessa confiança no ato de conhecer, decide pautar sua vida prática a partir das melhores razões, transformando crenças em conhecimento. Além disso, para Husserl, urge que a partir do ideal filosófico se estabeleça um método pelo qual a humanidade possa se auto-normatizar de tal modo que salvasse e potencialize sua essência primordial.

Estamos convencidos que o resgate da filosofia como ciência fundante e rigorosa através da fenomenologia pode desvelar um caminho alternativo para a

---

<sup>6</sup> Husserl, 2014, p. 3.

humanidade. Essa afirmação se sustenta já que a própria história demonstra que “a filosofia como teoria não liberta somente o investigador, mas todo aquele que seja formado filosoficamente. À autonomia teórica segue-se a prática”.<sup>7</sup> Por isso, cabe ao sujeito contemporâneo que busca uma renovação profunda da humanidade, criar um espaço espiritual, fundamentado numa disposição interior, no qual as filosofias e as ciências se encontrem e cooperem entre si na busca das melhores fundamentações e justificações tanto da vida teórica quanto prática. Nesse contexto, as palavras de Gadamer sobre Husserl, podem ser admitidas para nossos objetivos:

A própria questão diretriz de Husserl, uma questão na qual ele se aprofundou com uma conscienciosidade penetrante, era: como é que posso me tornar um filósofo sincero? Ele tinha em vista com isso: como é que posso conduzir cada passo de meu pensamento de tal modo que todo passo ulterior possa acontecer em um solo seguro? Como é que posso evitar toda e qualquer suposição prévia injustificada e, como isso, também realizar finalmente o ideal da ciência rigorosa?<sup>8</sup>

Em síntese, como podemos nos transformar em filósofos sinceros e assim ressignificar a humanidade a partir de nós mesmos e da filosofia? Gadamer, considerando a fenomenologia husserliana, responde que “quem quer ser filósofo precisa prestar contas perante si mesmo de todas as suas opiniões prévias e de tudo aquilo que é óbvio para ele, e sua “sede na vida” é determinada por esse seu fazer particular”.<sup>9</sup> Aqui, arriscamos um ponto de partida, submeter nossas opiniões às análises fenomenológicas a fim de que

---

<sup>7</sup> Husserl, 2012, p. 5.

<sup>8</sup> Gadamer, 2012, p. 147.

<sup>9</sup> Gadamer, 2012, p. 215.

sejam testadas se possuem fundamentos sólidos para continuarem guiando o nosso espírito. Precisamos averiguar se de fato o que tomamos como conhecimento, conteúdos fundamentados e justificados que pautam nossas decisões, a partir de uma ideia diretriz de ciência, possuem uma radical autenticidade e universalidade.

Vale recordar que a fenomenologia de Husserl tem como horizonte de sentido a máxima “voltar às coisas mesmas” mediante um processo descritivo dos fenômenos e seus conteúdos aos quais se aplica a *epoché*. Por esse método, suspende-se os elementos descritos dos fenômenos que não disponham de fundamentação radical. As análises dos fenômenos levam a investigação para as análises dos processos cognitivos, ou melhor, intencionais, que constituem os próprios fenômenos e os ordenam temporalmente na consciência. Isso significa que a garantia da percepção da coisa mesma, que neste nível da abordagem é a própria essência enquanto substrato do processo redutivo, está na natureza intencional da consciência com seus atos próprios, revelada por uma psicologia fenomenológica.

Contudo, essa estrutura consciência intencional, sendo sempre consciência de alguma coisa, revela que metodologicamente, por exemplo, se pode suspender o conteúdo percebido e descrever apenas o ato de perceber. Desse modo, na esfera eidética se pode suspender as essências e descrever apenas os atos puros e o próprio fluxo (tempo imanente) da consciência. Essa evidência metodológica desencadeia uma virada na fenomenologia de Husserl que passa a ser elaborada como uma fenomenologia transcendental. Agora a abordagem husserliana trata intuitivamente acerca das estruturas *a priori* da consciência reduzida ao nível de pureza absoluta. É nesse momento que Husserl elabora a sua tese sobre a subjetividade transcendental como resíduo último do processo redutivo e, sobre a intersubjetividade transcendental como radical da

constituição pura de toda e qualquer objetividade possível. Notemos que a passagem de uma psicologia fenomenológica para uma fenomenologia transcendental significa a passagem de um campo de evidências adequadas, quiçá perfeitas, para um campo de evidências apodícticas totalmente intuitivas.

Com todo esse percurso, Husserl julga ter demonstrado com rigor acadêmico que a filosofia é a ciência primeira, a fundante do conhecimento, e que a fenomenologia transcendental comprova essa tese. Para Husserl, cada etapa do processo redutivo retira do circuito de análises os campos das vivências e as ciências que neles se detém. Porém, na máxima radicalidade do eu puro e suas vinculações transcendentais com os outros-eus, somente a filosofia, guiada pela atitude fenomenológica transcendental, continua exercendo sua função epistêmica. Desse modo, as estruturas transcendentais em evidência apodíctica, às quais o sujeito chega de forma autônoma, mediante uma estrutura de raciocínio aquém da experimentação positivista da previsibilidade matemática, e das doutrinas naturalistas da psicologia, depõem a favor da fenomenologia como ponto de partida para o resgate da confiança e do protagonismo da razão filosófica como fonte primária do conhecimento e da constituição do sentido do humano, do mundo e da própria ciência.

Disso se conclui que em nada precisamos nos constranger frente aos avanços das ciências modernas de qualquer caráter. A filosofia, naquilo que é mais fundamental, ou seja na própria possibilidade de se ter qualquer coisa com o mínimo de validade e sentido, é a fonte perene que garante e salvaguarda o que há de mais primordial no ser humano: a sua vida pura/radical e autônoma. Dito isso, devemos retornar ao conceito de “crise” pelo qual Husserl defende que a crise da humanidade europeia tem sua gênese na crise das ciências. Ora, não se trata de crise das ciências no sentido dos resultados alcançados, mas, como diz Sacchini, “há uma crise em relação ao sentido geral da cientificidade das

ciências, as quais perdem a clareza quanto à sua remissão ao projeto original de conhecimento oninglobante do qual derivam”.<sup>10</sup> O autor ainda esclarece que “o obscurecimento do *telos* científico implica uma perda de referência para o desenvolvimento da cultura humana”.<sup>11</sup>

Notemos também que quando Husserl fala da crise das ciências e da humanidade, ele utiliza o adjetivo “europeias” como vemos em sua obra capital sobre esse assunto intitulada *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental: uma introdução à Filosofia Fenomenológica*<sup>12</sup> (*Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*). Esse termo não se refere às dimensões geográficas do continente europeu, mais ao ideal de ciência que surge especificamente com os gregos e que determina toda a estrutura histórica e social do ocidente. Então, tanto ciências europeias quanto humanidade europeia significam todas as culturas que possuem o ideal comum de se autogovernar por uma razão filosófica, ou melhor, por um conhecimento oninglobante que se configura como a ciência da totalidade do ente.

Nesse contexto, precisamos explicar também que tais afirmações não podem ser interpretadas como discriminatórias em relação a outras humanidades. Não se trata de dizer que as humanidades geradas pelo *telos* filosófico europeu são melhores que as demais. Husserl tem consciência que a racionalidade é um dado comum a toda e qualquer humanidade, o homem é por si só racional em qualquer ambiente cultural com virtudes e crises. Contudo, Sacrini nos explica que na concepção de Husserl:

---

<sup>10</sup> Sacrini, 2018, p. 292.

<sup>11</sup> Sacrini, 2018, p. 292.

<sup>12</sup> Husserl, 2012.



A humanidade europeia tem somente o mérito de ser a primeira a se conduzir conscientemente pelas normas racionais, submetendo-se a um ideal que não é relativo às idiossincrasias das nações européias, mas partilhavam pelas diferentes culturas que também despertem, por assim dizer, para a centralidade das normas teóricas na organização da vida concreta (Sacchini, CF, 2018, p. 293).

Em síntese, segundo Husserl, o despertar filosófico grego inseriu em toda cultura ocidental, a partir da Europa, um *telos* comum de busca por orientar a vida teórica e prática a partir de normas racionais. Por isso, a perda desse estado de unidade ideal, ou melhor, a perda da clareza em relação ao seu sentido primordial resultou numa fragmentação da humanidade europeia e de todas as humanidades que comungam (ou que possam comungar) desse mesmo ideal epistêmico. Esse processo da perda do ideal filosófico clássico se agravou, segundo Husserl, com o fracasso do Renascimento combinado com o novo paradigma epistemológico inaugurado com a Revolução Científica na modernidade.

Com o Renascimento, há a tentativa de libertar a filosofia das normas do Direito Canônico e retomar o ímpeto clássico da razão livre, liberta dos mitos e de qualquer pressuposto. Desejou-se retomar o poder da razão de se configurar eticamente a si mesma, de constituir por si seu mundo circundante, e de guiar autonomamente as ramificações do seu saber em função das questões humanas primordiais (Deus, felicidade, imortalidade, ética, estética). Tratou-se, em resumo, de recuperar a liberdade e a unidade da filosofia enquanto ciência primeira. Ora, assim como todos os atributos do ente estão unidos em sua idealidade intelectual e, por dispormos dessa intuição, podemos conceber mesmo que gradativamente seu sentido último, todas as ciências deveriam

convergir para o seu ideal filosófico onde reside sua unidade e, por conseguinte, sua identidade e sentido fundamentais.

Porém, o movimento histórico moderno impediu a plena realização do ideal renascentista. Isso porque o advento da autonomia das ciências positivas, causado pela primazia do pensamento matemático, mecanicista e experimental, gerou a fragmentação das ciências modernas. Parafraseando Husserl, o positivismo ao centralizar seu objetivo epistêmico nos fatos e ao limitar a compreensão de verdade, portanto de mundo e tudo o que isso implica, à estrutura matemática do pensamento, “decapitou a filosofia”.<sup>13</sup> Soma-se a isso o fato dos novos cientistas positivistas se tornaram cada vez mais especialista e menos filósofos. Desse modo, a mudança de paradigma gerou uma brusca mudança de postura científica, por conseguinte, antropológica.

O problema se tornou ainda mais complexo . Assim como as ciências positivas se outorgaram a si mesmas o domínio sobre a esfera do mundo, o psicologismo, corrente segundo a qual as leis lógicas possuem origem psicológica,<sup>14</sup> se deu o direito de reclamar para si a primazia do domínio da mente, do conhecimento, e até mesmo do comportamento. Zahavi salienta que:

O cerne da argumentação psicologista é o seguinte: as questões epistemológicas e teórico-científicas dizem respeito à natureza cognitiva do perceber, do crer, do julgar e do conhecer. Todavia, todos esses fenômenos são fenômenos psicóticos e, por isto, é evidente que precisa ser uma questão da psicologia investigar e constatar sua estrutura. Isto também é válido para a nossa fundamentação científica e lógica, e a lógica precisa ser considerada, por isto, em última instância, como parte da

---

<sup>13</sup> Husserl, 2012, p. 6.

<sup>14</sup> Husserl, 2014, p. 39.

psicologia, e as leis lógicas como legalidades psico-lógicas, cuja constituição e validade têm de ser constatadas por meio de investigações empíricas (Hua 18/64, 18/89). Por isto, a psicologia realiza a fundamentação teórica da lógica<sup>15</sup>.

Como consequência dessas questões e disputas, para Husserl, se desencadeou um processo de rejeição à necessidade da unidade filosófica genuína. A partir disto, contraditoriamente, gerou -se também uma crise de todas as ciências, não nos seus resultados, mas na sua própria fundamentação e sentido em relação a vida, ou seja, na fonte de sua teleologia. Assim, a humanidade europeia que queria se renovar pelo Renascimento e se modernizar pelo positivismo, acabou desencadeando uma crise generalizada tornada clara no nosso tempo. Husserl nos explica que:

A crise da filosofia significa a crise de todas as ciências modernas enquanto elos da universalidade filosófica, uma crise inicialmente latente, mas que emerge depois cada vez mais à luz do dia, crise da própria humanidade europeia em todo o sentido da sua vida cultural, em toda a sua "existência". O ceticismo em relação à possibilidade de uma metafísica, o desmoronamento da crença numa filosofia universal como condutora do novo homem, significa precisamente o desmoronamento da crença na "razão", entendida tal como os antigos contrapunham à *doxa* a *episteme*<sup>16</sup>.

Nas análises de Husserl, a consequência imediata da descrença na razão no sentido grego é o sujeito perder a confiança em si mesmo, em se auto-gerir, em buscar sentido de forma autônoma. Na verdade, esses sintomas históricos fizeram com que a filosofia saísse do seu lugar de guia do espírito humano para

---

<sup>15</sup> Zahavi, 2015, p. 14.

<sup>16</sup> Husserl, 2012, p. 9.

apenas lutar por sua própria sobrevivência. De certo modo agora, a postura filosófica precisa demonstrar sua relevância, pois a filosofia somente é, enquanto tarefa, enquanto passagem da *doxa* à *episteme*, ou seja, enquanto superação das provocações céticas. Por isso, nós que ainda estamos de certo modo patinando nessa crise, precisamos demonstrar a insuficiência das ciências fragmentadas de tratarem e fundamentarem as questões supremas da vida humana, e a partir de um olhar histórico, recuperarmos a unidade filosófica e seu campo primordial. Nas palavras de Husserl:

A humanidade em geral é, segundo a sua essência, ser homem em humanidades ligadas generativa e socialmente, e, se o homem é ser racional (*animal rationale*), ele só o é na medida em que toda a sua humanidade é uma humanidade racional - quer orientada de forma latente para a razão, quer abertamente orientada para a enteléquia que chegou a si mesma, que se tornou manifesta para si mesma e que, doravante, conduzirá conscientemente, numa necessidade essencial, o devir da humanidade. A filosofia, a ciência, seria então, o movimento histórico da revelação da razão universal, "inata" como tal à humanidade<sup>17</sup>.

Seguindo esses preceitos, segundo Husserl, para resgatarmos a filosofia genuína e, por conseguinte, a nós mesmos, de tal modo a termos condições de ressignificar os pilares espirituais constituintes da nossa humanidade, precisamos voltar o nosso olhar para a história através da ação fenomenológica que ele chamou *Besinnung*.<sup>18</sup> Isso significa investigar fenomenologicamente se,

---

<sup>17</sup> Husserl, 2012, p. 11.

<sup>18</sup> Em geral, a *Besinnung* pode ser entendida como uma investigação de sentido que ocorre através de uma pergunta retroativa introduzida no movimento histórico de uma ideia. Na introdução da versão em inglês de *Formale und Transzendente Logik*, encontramos a seguinte definição: "Sense-investigation

de fato, é possível sustentar a nossa tese de que todas as ramificações modernas de ciência obtém seu sentido numa ideia primordial de filosofia. Aqui a questão não é saber meramente quem veio primeiro historicamente e deu condições para a emancipação das demais, isso já nos parece óbvio. Mas, o que se quer é demonstrar se há um nexó transcendental causal de “dependência essencial” entre a razão filosófica e todas as demais ciências.

Através da *Besinnung* se analisa historicamente os processos da ideia e do sentido da ciência a fim de se intuir sua essência apodíctica. Como deixa claro Sacrini, “a *Besinnung* explicita a estrutura ideal que motiva a própria existência filosófica; ela revela a tarefa do conhecimento como central para a humanidade, tarefa que deve então ser assumida de modo consciente pelos filósofos atuais para que se mantenha operante de modo livre das distorções de sentido geradoras da crise”.<sup>19</sup> Assim, a superação da crise atual e, por conseguinte, a ressignificação das bases da humanidade exigem o resgate da filosofia autêntica. É preciso uma atitude libertária do filósofos vocacionados que, mesmo sob a exaustão da auto-libertação da caverna moderna da exclusividade da razão instrumental, voltam para conduzir os demais pesquisadores do saber para uma autêntica liberdade.

---

[Besinnung] signifies nothing but the attempt actually to produce the sense “itself”, which, in the mere meaning, is a meant, a presupposed, sense; or, equivalently, it is the attempt to convert the “intensive sense [intendierenden Sinn]” (as it was called in the *Logische Untersuchungen*), the sense “vaguely floating before us” in our unclear aiming, into the fulfilled, the clear, sense, and thus to procure for it the evidence of its clear possibility. Precisely this possibility is genuineness of sense and is, accordingly, the aim of our investigative search and discovery. Sense-investigation, we may also say, is radically conceived original sense-explication, which converts, or at first strives to convert, the sense in the mode of an unclear meaning into the sense in the mode of full clarity or essential possibility” (Husserl, 1969, p. 9).

<sup>19</sup> Sacrini, 2018, p. 295.

O que Husserl propõe é que voltemos agora nosso olhar fenomenológico para a história do conhecimento, percebamos a relação visceral entre crise do conhecimento e crise da humanidade, e tomemos consciência das insuficiências da filosofia e das ciências europeias desde a refundação cartesiana até nossos dias. A partir disso, temos a tarefa de sistematizar propostas mais elevadas e de continuarmos na busca, muitas vezes inglória, de mostrar caminhos mais adequados para a humanidade. Como Husserl, não podemos abdicar da convicção de que a filosofia, em qualquer época, sempre será o grito retumbante de liberdade da humanidade em defesa da vida em função das questões supremas. Nesse sentido, subscrevemos a tese de Husserl que afirma:

Os verdadeiros combates do nosso tempo, os únicos significativos, são os combates entre a humanidade já arruinada e a que ainda se mantém radicada, e que luta por essa radicação, ou por uma nova. Os autênticos combates espirituais da humanidade europeia enquanto tal decorrem como combates entre as filosofias, designadamente entre as filosofias cétricas - ou melhor, entre as não filosofias que apenas conservavam a palavra, mas não a tarefa - e as filosofias efetivas ainda vivas.<sup>20</sup>

O fenomenólogo continua:

Contudo, a vitalidade destas consiste em lutarem pelo seu genuíno e verdadeiro sentido e, assim, pelo sentido de uma humanidade genuína. Trazer a razão latente à autocompreensão das suas possibilidades e tornar assim compreensível a possibilidade de uma metafísica enquanto verdadeira possibilidade - tal é o único caminho para trazer

---

<sup>20</sup> Husserl, 2012, p. 11.

uma metafísica, ou uma filosofia universal, ao curso trabalhoso da efetivação.<sup>21</sup>

Diante desses argumentos, estamos seguros da necessidade de, pela *Besinnung* como ponto de partida, averiguarmos se esse *telos* grego que nos moveu até aqui, mesmo com os fracassos da história, é de fato o melhor fundamento para a humanidade, ou se não passa apenas de um dado cultural, um delírio de que poderíamos ser algo que não podemos. Precisamos constatar se a esperança de construirmos uma humanidade racional filosófica, que transforma *doxa* em *episteme* autonomamente, não é apenas uma sandice que nos levou a um apercepção errada de nós mesmos e a uma percepção equívoca do outro e do mundo. E caso se comprove, como intuímos, que a filosofia genuína é de veras o lugar comum de todos os saberes e, por conseguinte, a base sólida adequada sobre a qual uma humanidade deve se edificar, teremos que assumir a necessidade de um autêntico e profícuo renascimento filosófico no nosso tempo.

### Considerações finais

Por fim, pensamos que nós, os aspirantes a filósofos e os amantes da filosofia, não podemos deixar se perder a convicção na possibilidade da filosofia como tarefa. Nesse sentido, além do confronto com as obscuridades das ciências modernas e com a crise gerada a partir desse fenômeno, devemos encarar os novos problemas gerados por essa sandice coletiva que os novos sofistas nos colocaram. Parafraseando Machado de Assis, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, hoje o embate é da razão (filosófica) contra a sandice que se

---

<sup>21</sup> Husserl, 2012, p. 11.

fortalece nas mídias sociais e que se esconde nos cantos escuros da nossa consciência.

Seguindo no pensamento machadiano, entendemos que por vezes, a razão anseia por retirar a sandice da consciência humana na busca pela clareza da verdade. Contudo, astuta e determinada, a sandice dispõe de muitas artimanhas para tentar seduzir e ludibriar a razão. Por isso, somente a tarefa firme, sincera, autêntica e obstinada da razão, supera a esperteza da sandice: “Não, senhora, replicou a Razão, estou cansada de lhe ceder sótãos, cansada e experimentada, o que você quer é passar mansamente do sótão à sala de jantar, daí à de visitas e ao resto”.<sup>22</sup> Uma humanidade que preze pela autonomia e pelo conhecimento não pode oferecer abrigo para sandice. Tomemos como exemplo novamente o nazismo que, da sandice de um, de forma sutil e letal, colocou toda a humanidade no cárcere da barbarie. Os tempos podem ser outros, mas vale dizer que os mesmos mecanismos produzem os mesmos vícios. Há muita sandice se escondendo nos “cantinhos escuros” da prosperidade tecnológica destituída de uma razão filosófica.

Portanto, a crise na qual nos encontramos longe de nos desanimar, encoraja e impulsiona o nosso fazer filosófico. Faz-se necessário, nos dedicarmos à tarefa de oferecer à História da Humanidade, vivida nestes tempos, um saber que possibilite às pessoas, em todos os níveis intelectuais e sociais, alcançarem o autoconhecimento e a autodeterminação prática genuínos. Dotados desses princípios, os seres humanos conseguirão não apenas enfrentar a dramaticidade do presente, resolvendo suas questões mais óbvias, senão que terão melhores condições de se projetarem para um futuro próspero enquanto indivíduos e coletividade. Além disso, é bem provável que nesse processo,

---

<sup>22</sup> Machado de Assis, 2005, p. 29.



retomem a valorização das questões últimas e primordiais da vida, redescobrimo assim, a importância de um *telos* filosófico autêntico. De tudo isto, resta a certeza de que a filosofia continua sendo a fonte perene do sentido da humanidade, ou ao menos, de sua possibilidade real e radical.

## Referências

EVANS, Richard J. **Terceiro Reich: na história e na memória**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

GADAMER, Hans-Georg. Hegel, Husserl, Heidegger. Petrópolis: Vozes, 2012.

HUSSERL, Edmund. **A Crise das Ciências Europeias e a fenomenologia Transcendental**: uma introdução à Filosofia Fenomenológica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

HUSSERL, Edmund.. **Meditações Cartesianas**: uma introdução à Fenomenologia. São Paulo: Editor, 2019.

HUSSERL, Edmund.. **Europa: Crise e Renovação**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

HUSSERL, Edmund. **Formal and Transcendental Logic**. Springer Science, Business Media, 1969.

MACHADO DE ASSIS. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Paulus, 2005.

SACRINI, Marcus. **A cientificidade na Fenomenologia de Husserl**. São Paulo: Loyola, 2018.

XIRAU, Joaquín. **Introdução a Husserl**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

ZAHAVI, Dan. **A Fenomenologia de Husserl**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2015.